

Rede de polo e micropolos regionais no oeste catarinense

Camila Fujita¹
Alexandre Maurício Matiello²
Rosa Salete Alba³

RESUMO

O presente artigo discute o papel de Chapecó na rede urbana do oeste catarinense e busca determinar os micropolos articulados a essa cidade, com o objetivo de subsidiar debates sobre as possibilidades de planejamento e gestão territorial. Para tanto, realiza uma discussão teórica sobre os conceitos de região, polos, cidades médias e redes. Em seguida, caracteriza Chapecó no processo de conformação do oeste catarinense. Prossegue com a análise da rede urbana nessa região, a partir dos dados apresentados pelo IBGE no estudo sobre a região de influência das cidades (IBGE, 2008). Por fim, conclui que Chapecó exerce um papel significativo de influência na região, com destaque nas atividades de comércio e na oferta de equipamentos e serviços, devendo fortalecer os aspectos de gestão territorial e articular-se aos micropolos de São Miguel do Oeste, Concórdia, Xanxerê, Pinhalzinho e Maravilha.

Palavras-chave: rede urbana, polo e micropolos, Chapecó.

INTRODUÇÃO

A sociedade moderna, e com ela a industrialização, foi um dos fatores determinantes que acelerou a urbanização em diversos países da Europa e atualmente na maior parte do mundo. O modo de produção capitalista, nas suas diferentes fases de desenvolvimento, foi criando maneiras de organização do capital no espaço geográfico, de acordo com interesses e necessidades de acumulação e centralização de riquezas de alguns países, em detrimento dos interesses sociais de boa parte da população mundial.

O oeste catarinense também se insere nesse contexto de urbanização e industrialização. Os polos e micropolos regionais e suas áreas de abrangência ilustram os processos de expansão capitalista numa escala mundial e de um

¹ Doutora em Arquitetura e Urbanismo (FAU-USP). Professora universitária do Curso de Arquitetura e Urbanismo e líder do grupo de pesquisa Cidade: Cultura, Urbanização e Desenvolvimento, da Unochapecó (Universidade Comunitária Regional de Chapecó).

² Professor universitário e membro do grupo de pesquisa Cidade: Cultura, Urbanização e Desenvolvimento, da Unochapecó (Universidade Comunitária Regional de Chapecó).

³ Professora Universitária e membro do grupo de pesquisa Cidade: Cultura, Urbanização e Desenvolvimento, da Unochapecó (Universidade Comunitária Regional de Chapecó).

desenvolvimento de acumulação capitalista nacional. No cenário regional, Chapecó é um exemplo de conformação destes polos. Com suas especificidades e características próprias, desenvolveu as suas bases produtivas.

Contudo, não se pretende afirmar que o crescimento econômico de Chapecó seja fruto de forças externas (multinacionais, por exemplo), mas entende-se que foram as leis do modo de produção capitalista que lhe possibilitaram atingir o atual estágio de crescimento econômico, dando-lhe as condições de estar presente hoje em diversos países da América Latina, da Ásia e do Oriente através de produtos exportados.

É por isso que na pesquisa sobre as polarizações regionais do oeste catarinense, a consideração da escala mundial pode nos fornecer subsídios, sendo muitos dos fenômenos regionais, frutos de uma realidade nacional ou mundial, ou seja, conseqüência de crises, avanços e recuos inerentes ao próprio sistema capitalista.

Valorizando as forças objetivas que influenciaram o lugar e as próprias características naturais (relevo, posição geográfica) e econômicas que foram sendo produzidas no oeste catarinense, este artigo busca compreender o papel de Chapecó para a região de abrangência do oeste catarinense, bem como determinar os micropolos existentes em sua rede de influência. Objetiva-se, assim, contribuir para o debate sobre a rede de cidades nesse contexto regional e, conseqüentemente, para a orientação dos processos de planejamento urbano e regional e de gestão do território, a fim de subsidiar a discussão e a decisão quanto à distribuição de diferentes tipos de investimentos e/ou benesses do desenvolvimento socioeconômico, sejam esses de caráter público ou privado.

Para tanto, primeiramente, realizamos uma discussão sobre temas como região, polos, cidades médias e redes, a fim de entender a transformação de alguns conceitos sobre o fenômeno em análise, além de refletir sobre o papel de centros de influência como Chapecó na região na qual se insere. Em seguida, tecemos considerações sobre Chapecó à luz da conformação da região oeste catarinense, a partir de uma interpretação sócio-histórica, econômica e demográfica. Prosseguimos com a análise dos dados apresentados pelo estudo sobre a região de influência das cidades brasileiras, realizado pelo IBGE e publicado em 2008, articulada com dados de outras fontes de referência. Por fim, apontamos algumas considerações acerca das questões aqui propostas.

ARTICULAÇÕES CONCEITUAIS: REGIÃO, POLOS, CIDADES MÉDIAS E REDES

Pensar um determinado lugar ancorado à ideia de polos e micropolos nos remete de imediato a assumir algumas conceituações básicas e clássicas que tomamos neste momento como referência para nos guiar nesta análise.

Num primeiro momento queremos aqui referenciar o conceito de região, assumindo de imediato seus múltiplos empregos na ciência e em outros domínios

e, portanto sua multiplicidade de definições. De acordo com Gomes (1995), nos dois princípios fundamentais da linguagem cotidiana a região toma o sentido de localização e de extensão ou também de unidade administrativa dos Estados e grupos empresariais. Diante disso referendamos nosso embasamento na Ciência Geográfica, por ser ela “o campo privilegiado destas discussões” (Gomes, 1995, p. 52).

O caminho que a Geografia percorreu para definir epistemologicamente este conceito foi o de buscar, no emprego e no uso deixado pelo senso comum, uma definição científica capaz de caracterizar alguns elementos essenciais sobre a região. Tal caminho traz consigo as leituras filosóficas e epistemológicas de cada corrente de pensamento, as quais se desenvolveram ao longo da própria história do pensamento geográfico e ao longo da própria evolução da sociedade, como, por exemplo, nas teorizações sobre o determinismo geográfico⁴ e o possibilismo⁵.

As transformações sociais, políticas e econômicas do pós-Segunda Guerra Mundial induziram mudanças nos métodos de investigação e nos objetivos da geografia, afetando diretamente os conceitos de região e de regionalização. Essas mudanças residem no fato de o conceito atrelar-se a uma ideologia pré-definida no contexto histórico vigente. Lacoste (1976) denunciava o caráter homogeneizador do conceito, o qual encobria as diferenças presentes no limite da região. Essa foi a principal motivação para as mudanças metodológicas. Isso foi muito importante, pois historicamente a região tem sido uma ferramenta de ação política e econômica e, portanto, do exercício de poder⁶.

Desse modo, a região não é uma “entidade” única e com “vida própria”, mas uma articulação de diferentes escalas, estabelecidas a partir dos objetivos que se quer alcançar. Portanto, em um mesmo território-área é possível ter diferentes regiões, sobrepostas, mas articuladas.

A partir do método materialista histórico a abordagem que dá conta do ponto de vista metodológico é a regionalização como processo, entendida como uma construção humana ao longo da história. A noção econômica de centro-periferia e de escalas econômicas estão, portanto, no centro das bases dessa regionalização.

⁴ O *determinismo geográfico*, desenvolvido por Ratzel, tinha como objetivo principal a diferenciação de espaços e a identificação de aspectos tidos como singulares que, a partir daí, tornasse esse espaço único no mundo. O território de cada país era entendido como um conjunto de espaços únicos. Essa ideia é que deu origem ao determinismo geográfico e seu conceito de região natural. Assim, a região era fisicamente delimitada e identificava-se aos elementos que a tornavam singular e [...] “essa região natural é decisiva na configuração de uma sociedade” (Gomes, 1995, p. 55).

⁵ O *possibilismo*, pensamento desenvolvido a partir do início do século passado, foi uma resposta às ideias do determinismo. Nasce então a ideia de região geográfica que reconhece [...] “a ação transformadora do homem sobre um determinado ambiente. [...] A região é uma realidade concreta, física, ela existe como um quadro de referência para a população que aí vive” (Gomes, 1995, p. 56).

⁶ A partir desse momento a região deixa de ser um conjunto de informações que buscava apenas caracterizar uma porção do território-área: ela passou a ser uma ferramenta de conhecimento das relações sociais. Um dos teóricos dessa nova abordagem é Sant’Anna (1976), sua principal contribuição foi a definição de quatro abordagens básicas para os estudos regionais: regionalização como diferenciação, regionalização como classificação, regionalização como instrumento de ação e regionalização como processo.

Nessa visão a região passa a ser uma dimensão espacial de relações sociais contraditórias, e essas ganham essa dimensão espacial quando polarizam as relações sociais. Um exemplo são as chamadas “regiões pobres”, que não são regiões pobres, mas regiões de pobres, existentes pelo fato da riqueza ser polarizada em outros espaços. As diferenças espaciais, portanto, são muito mais resultado da relação com o externo do que produto exclusivo de singularidades como La Blache supunha. As discussões de Milton Santos (1992), Paulo Nogueira Batista Junior (2002) ou Saskia Sassen (1998) a respeito do global X local são de significativo valor para pensar atualmente a noção de região nessa perspectiva.

A regionalização não atende mais à mera classificação, mas cada vez mais busca entender as relações estabelecidas. Os dados numéricos evoluíram para informações, pois estas denunciam as redes, e essas são ferramentas estratégicas de compreensão do espaço e de planejamento do mesmo.

Do ponto de vista econômico, se tomarmos por base que a região se estabelece a partir da articulação de diferentes escalas é possível aqui pensarmos a ideia de que tal articulação acontece a partir de polos de crescimento. Nesse sentido é que vamos pensar esta noção para melhor compreender o que significa falar em polos e micropolos regionais.

Para Silva (2004), que desenvolveu um estudo com base na teoria dos polos de desenvolvimento de Perroux, o crescimento econômico é próprio de áreas favorecidas de variadas circunstâncias, onde surge uma indústria motriz e, como conseqüência, como reflexo da ação desta indústria, o crescimento se propaga, se expande, beneficiando as regiões que a cercam, que são para elas polarizadas. Segundo o autor, o polo de crescimento surge devido ao aparecimento de uma indústria motriz, considerando como tal àquela indústria que, antes das demais, realiza a separação dos fatores da produção, provoca a concentração de capitais sob um mesmo poder e decompõe tecnicamente as tarefas e a mecanização.

Em geral, a indústria motriz - em sua ação de obtenção de matérias-primas, de ponto de atração de mão de obra e de produtora de um ou de uma série de produtos - dinamiza a vida regional, provocando a atração de outras indústrias, criando aglomeração de população que estimulará o desenvolvimento de atividades agrícolas e pecuárias nas áreas fornecedoras de alimentos e de matérias-primas. Desenvolve a formação de atividades terciárias proporcionais às necessidades da população que a cerca, que se instala em sua área de influência.

É desse contexto que surge o que Perroux chama de complexo industrial e que se caracteriza pela presença de uma indústria-chave, pelo regime não concorrencial entre as várias indústrias existentes e pela aglomeração territorial. Resumindo, podemos afirmar que o polo é o centro econômico dinâmico de uma região, de um país, ou de um continente, e que o seu crescimento se faz sentir sobre a região que o cerca. O desenvolvimento regional estará, assim, sempre ligado ao do seu polo (Silva, 2004).

Porém, apenas o conceito de polo de desenvolvimento não é mais suficiente para que possamos nos aproximar de uma realidade que se apresenta cada vez mais complexa. Pires (2006) aponta que o processo que se impôs durante os anos 1970, com uma grande empresa geradora de empregos, procurando uma

economia de escala a partir da difusão de uma atividade primordial, hoje não funciona perfeitamente, pois as incertezas e necessidade de mudar a gestão têm exigido uma maior flexibilidade para se adaptar aos mercados. Isso implicou redução de empregos, deslocamento de plantas industriais, reconfiguração da cartela de fornecedores, e com a mão de obra restante, sob qualificação, as empresas adotam modernas estratégias de controle de produção.

De um modo geral, foram muitas as críticas, ainda nos anos 70, à efetivação dos polos de crescimento de Perroux. A principal delas baseava-se no fato de que as experiências de desenvolvimento regional fundamentadas nesse conceito havia em sua maioria, falhado, pois as indústrias motrizes não teriam sido capazes de difundir inovações para as demais (Pires, 2006).

Segundo Spósito (2006) as cidades médias estavam, em etapas pretéritas do desenvolvimento do capitalismo, inseridas em redes urbanas hierarquicamente organizadas. Assim, as articulações espaciais que definiam seus papéis eram pensadas em relação às cidades grandes e à metrópole principal, num movimento a montante, e em relação às cidades pequenas, num movimento à jusante. No que se refere à definição das articulações temporais, o que se exigia do pesquisador era a recuperação das determinações que instituíam a cidade em estudo no âmbito da rede urbana hierarquicamente organizada.

Atualmente, o reconhecimento da inserção de uma cidade média no âmbito de uma rede urbana tornou-se extremamente mais complexo. No geral, ela continua a compor a estrutura da rede hierárquica na qual seus papéis intermediários se definiram, mas há um vasto conjunto de possibilidades de estabelecimento de relações com outras cidades e espaços e que não compõem, de fato, a rede a que pertence essa cidade (Spósito, 2006).

Essa redefinição do papel e do conceito de cidade média tem relação com o processo de desenvolvimento da tecnologia informacional que estabelece a combinação entre sistemas de comunicação por satélite e sistemas de informatização por computação. Conforme diz Spósito (2006), negócios são realizados a longas distâncias, ampliando a escala e a abrangência das relações das cidades médias com outros espaços.

Altera-se, assim, o perfil dessas cidades de desempenharem, apenas, papéis intermediários ou de ligação entre as cidades maiores e menores, já que vêm progressivamente participando de uma divisão territorial do trabalho que atinge a escala internacional: realizando negócios com empresas que estão sediadas em outros países, são selecionadas por conglomerados transnacionais para sediar unidades de produção industrial de suas empresas e, ainda, são parte das escolhas locais dos agentes econômicos que, atuando, em escala nacional ou supranacional, têm como meta a ampliação do consumo de bens e serviços cada vez mais sofisticados (Spósito, 2006).

Spósito afirma também que se torna fundamental ao pesquisador conhecer os interesses dos agentes econômicos, a natureza dos comandos definidos por eles, que incidem no movimento contínuo de redefinição das cidades médias, avaliando, por meio da análise das articulações entre escalas, as interferências da ordem distante sobre a ordem próxima.

De qualquer forma, outro conceito que auxilia a perceber as articulações que os diferentes lugares desenvolvem entre si, seja do ponto de vista econômico, social, político e também informacional, é o de rede. Esse conceito permite-nos compreender as dinâmicas estabelecidas entre as cidades, a relação e a articulação entre o lugar e o global; permite-nos também analisar os diferentes nós das diversas redes e seus respectivos fluxos.

Os nós e as redes se constituem numa relação de poder e de controle sobre aquilo que pode ser distribuído. Nessas redes (ferrovias, hidrovias, rodovias, informação, etc.) circula o que interessa a determinados grupos, responsáveis pela produção territorial.

As tecnologias de comunicação influenciam na localização das empresas, assim como os custos de mão-de-obra, a organização sindical e/ou o acesso às matérias-primas influenciaram ou influenciam na escolha de um local e na busca por melhores vantagens competitivas. A instalação de uma empresa, por exemplo, num determinado lugar, provocará novas configurações espaciais através da localização de novos moradores, comércio, passivos ambientais ou redes de circulação e comunicação, e, portanto, novas relações sociais e econômicas serão estabelecidas. O que é fato novo hoje é que quem comanda as relações sócio-espaciais, segundo Santos (1992), não são mais os fluxos de matéria-prima e de mão-de-obra, mas são os fluxos de informação – eixos invisíveis e imateriais.

Tais redes e tais fluxos devem ser pensados de modo dialógico nas esferas materiais e imateriais, legais e ilegais, reais e virtuais, capazes de implementar no espaço um sistema de objetos e ações que são mudados/transformados pela sociedade e que também mudam/transformam a vida dessa mesma sociedade.

A complexificação das redes e dos fluxos geográficos extrapolou e extrapola os limites dos territórios nacionais, firmando cada vez mais a globalização e criando certa autonomia dos próprios lugares. É essa autonomia que nos leva a pensar a região oeste não mais apenas do ponto de vista de uma rígida hierarquização urbana, mas do ponto de vista das redes urbanas, ou rede de lugares. Um lugar, por mais distante que pareça, hoje tem condições de estabelecer sua própria rede independente da contigüidade dos espaços e do polo que o influencia.

Corrêa (1997, p. 107) afirma que

Na organização e expansão do capitalismo as redes geográficas assumem diversas formas de manifestação, tornando-se ainda progressivamente mais importantes. [...] Redes que se manifestam, sobretudo em uma cada vez mais complexa rede urbana cujos centros são, do ponto de vista funcional, simultaneamente, especializados e hierarquizados, focos, portanto de diversos fluxos.

Com base nessa afirmação é que reiteramos a necessidade de buscar apoio no conceito de redes e não apenas no de polo para o estudo ou análise das cidades da região oeste catarinense as quais, nos últimos anos, têm se destacado em alguns aspectos econômicos e populacionais, aumentando de forma qualitativa e quantitativa o número de redes e de articulação das diferentes cidades da região,

com a região, com o Brasil e com o mundo, como poderá ser discutido posteriormente.

Cabe destacar aqui que as cidades representam os principais nós que interligam os diferentes locais. Quanto maior a complexificação das atividades econômicas, maior é o comando exercido por essas cidades no processo de circulação, seja de pessoas, de mercadorias, de serviços ou de informação, formando o que chamamos de rede urbana.

Uma rede urbana compreende, pois, a organização do conjunto das cidades e suas zonas de influência, a partir dos fluxos de bens, pessoas e serviços estabelecidos entre si e com as respectivas áreas rurais, constituindo-se “em um reflexo social, resultado de complexos e mutáveis processos engendrados por diversos agentes sociais” (Corrêa, 2007, p.424).

É formada por centros urbanos de dimensões variadas e suas relações dinâmicas, como campos de forças de diferentes magnitudes, que interagem no decorrer do tempo e no espaço. (CARACTERIZAÇÃO *apud* Moura e Werneck, 2001, p.52.)

A partir desses conceitos, é possível analisar relações estabelecidas entre as diferentes cidades do oeste catarinense, pensada neste momento como polo regional a cidade de Chapecó, e alguns micropolos que vão se formando e estabelecendo uma nova dinâmica urbana regional que suscita ainda muitos estudos e análises.

CONSIDERAÇÕES SOBRE CHAPECÓ E O CONTEXTO REGIONAL

A região Oeste de Santa Catarina é marcada por disputas de fronteiras tanto com o estado vizinho do Paraná quanto com o país vizinho, a Argentina. Um dos principais interesses entre os envolvidos na disputa era a exploração econômica da região. Com o fim das disputas, em 1917, e com a “vitória” de Santa Catarina sobre os outros requerentes, começou a colonização de fato da região através das frentes de colonização.

Mas antes mesmo dessas frentes de colonização, aqui já viviam índios e caboclos, que não eram donos da terra, mas que viviam dela como fonte de alimento, de modo rudimentar e muito simples e que, segundo Testa (1996) praticavam uma agricultura com pouca integração com a economia nacional.

A região oeste catarinense, no final do século XIX e início do séc. XX caracterizava-se por ser uma região pouco povoada, com presença de mata nativa fechada, com grande riqueza de madeiras nobres como também com grandes manchas de ervais, onde era produzida a erva-mate. Quem retirava a erva-mate das matas da região eram os caboclos. Era considerada uma atividade nômade, pois entre uma poda e outra acontecia um período de renovação da planta, em

torno de três anos. A erva-mate era comercializada com o Paraná, Rio Grande do Sul e com a Argentina.

Essas características deram origem ao comércio da região com base na madeira e na erva mate, que Bavaresco (2005) caracterizava como sendo os ciclos da erva mate e da madeira.

Como o objetivo do governo era de ocupar o espaço para que a terra não fosse mais motivo de disputas regionais, como política de povoamento da região, deu a concessão das terras a empresas colonizadoras para promoverem a colonização da região. Segundo Bavaresco (2005), o objetivo do governo era integrar definitivamente a região ao território catarinense. Medeiros (2006, p. 282) complementa dizendo que

[...] a política de colonização procurou ocupar os espaços, considerados vazios pelo governo. O espaço então coberto pela mata nativa foi sendo aberto e os colonos foram se instalando em lugares distantes e na maioria das vezes ficando isolados dos centros da época.

Os primeiros colonizadores que chegaram à região eram provenientes do Estado do Rio Grande do Sul e vinham com a promessa e o sonho de obterem suas próprias terras e se fixaram ao longo do Rio Uruguai. Mais tarde foram se expandindo até chegarem à divisa com o Paraná. Dessa forma, a região que era coberta por mata nativa foi dando espaço à produção agrícola, no começo, baseado na agricultura de subsistência.

A colonização, com a venda das terras da região, deu origem a outro ciclo econômico. Segundo Bavaresco (2005, p. 81):

Colonizadores, muito menos que os governantes, não estavam preocupados em estabelecer um modelo de colonização. O importante era atrair compradores para as terras e explorar a riqueza em madeira existente.

A madeira extraída era utilizada para a construção das instalações das propriedades, como casas, galpões, paióis, estábulos entre outros sendo a madeira mais nobre levada até o Rio Uruguai, onde eram feitas balsas. A madeira em períodos de cheias era transportada pelo rio até a Argentina ou o Uruguai onde era comercializada. Em troca da madeira, os comerciantes adquiriam sal, armas, bebidas, vestuários entre outros itens de primeira linha. Segundo Bavaresco (2005), o aumento do número de madeireiras a partir de 1950 e o crescimento populacional verificado no período contribuíram significativamente para a melhoria da infraestrutura.

Devido às características físicas geográficas da região, a colonização estabelecida foi de pequenas propriedades, onde era desenvolvida a agricultura de subsistência. Os excedentes agrícolas serviam para venda e troca. Além dos cereais, eram também comercializadas aves e suínos e a banha era o principal

produto extraído. Desse processo é que surgiram os comerciantes da região. A partir do capital acumulado desse comércio, muitos deles, posteriormente, se tornaram os donos dos frigoríficos, que hoje são as grandes agroindústrias presentes na região.

Em 1940, surgiu no Vale do Rio do Peixe a instalação do Frigorífico Sadia e Frigorífico Perdigão S/A Comércio e Indústria, em Videira. A partir daí começaram a surgir outras agroindústrias na região, como a S.A. Indústria e Comércio Chapecó em Chapecó; o Frigorífico Seara em Seara, S.A.; Frigorífico Itapiranga, em Itapiranga (SC); S.A. Indústria e Comércio – UNIFRICO em Salto Veloso; Indústria Reunidas Ouro S.A. no município de Ouro; a Cooperativa Central Oeste Catarinense, em Chapecó, e o Frigorífico São Carlos, em São Carlos (Alba, 2002).

Alguns dos fatores que contribuíram para a expansão desses grupos industriais foram os incentivos dados pelo governo para investirem no setor. Segundo Testa (1996), a política de incentivos dos anos 1970 foi captada de forma diferencial pelos agentes agroindustriais. O autor complementa ainda que as agroindústrias privadas investiram na modernização de suas plantas e mesmo na construção de outras novas, nos ramos de suínos, aves e soja. Espíndola (1999, p. 31) complementa ainda afirmando que houve um estímulo em nível nacional para a instalação de frigoríficos na região Oeste catarinense.

A expansão das atividades industriais, a aceleração do processo de urbanização e a diminuição do abate de suínos pelos frigoríficos multinacionais e nacionais instalados em São Paulo e arredores estimularam a instalação de novos frigoríficos no Oeste catarinense: Seara (1956), Chapecó (1952), Unifrico (1963), Itapiranga (1962), Reunidas Ouro (1960).

O autor completa dizendo que o Estado participou como agente direto e indireto na consolidação dos grupos agroindustriais. Sobre isso, Alba (2002), comenta que o Estado, através de suas instituições, foi elemento importante e fundamental na reprodução do espaço, que possibilitou a própria reprodutibilidade das coisas “comuns” e necessárias ao capitalismo.

Esses ciclos econômicos foram importantes para o desenvolvimento da região. Testa *et al* (1996), afirma que estes ciclos demarcaram a inserção, mesmo que tardia, da região no processo global de constituição do mercado nacional, característico do desenvolvimento econômico de caráter urbano industrial do Brasil.

Observa-se, assim que a região oeste catarinense se desenvolveu a partir de alguns ciclos de desenvolvimento, caracterizados em ciclo do extrativismo (ervamate e madeira), ciclo da colonização com implantação da pequena propriedade agrícola com produção de excedentes e o ciclo das agroindústrias.

Foram ciclos econômicos que contribuíram com o acúmulo da riqueza para a implantação e o desenvolvimento do atual quadro que tem no comando principalmente as agroindústrias. Os donos dos primeiros frigoríficos estavam

todos ligados diretamente com atividades econômicas voltadas a um ou mais ramos de produção desses diferentes ciclos econômicos.

Eram assim comerciantes que desenvolviam o comércio de excedentes agrícolas e gêneros de primeiras necessidades, estabelecendo uma rede entre produtores e os centros maiores do país, ou eram comerciantes ligados ao comércio extrativista, através da venda da erva-mate ou da madeira que era feito com o Brasil e também com a Argentina, ou ainda os colonizadores que enriqueceram vendendo as terras aos colonos do Rio Grande do Sul.

Pode-se assim dizer que é desse comércio incipiente que surge os grandes oligopólios regionais que comandaram e que ainda comandam boa parte da economia regional e que deram origem, sobretudo, à cidade de Chapecó, como polo regional, concentrando, até hoje, muitas das atividades industriais, de comércio e de serviços radiando assim para outros municípios a sua influência econômica, como poderá ser constatado na análise da relação da cidade com os micropolos da região oeste catarinense.

O crescimento e desenvolvimento econômico de Chapecó têm se evidenciado em âmbito estadual e nacional. Indústrias de diversos segmentos vêm se instalando no município. De acordo com o Atlas do Mercado Brasileiro (2006) Chapecó foi considerada a quarta melhor cidade para se investir da região Sul e a décima terceira do Brasil.

Chapecó é a maior cidade da região oeste catarinense, possuindo indústrias de grande porte instaladas em sua área. Das mais de 130 indústrias chapecoenses 12 delas são exportadoras e duas delas estão entre as 600 maiores indústrias brasileiras (Sadia em 63º e Cooperalfa em 511º).

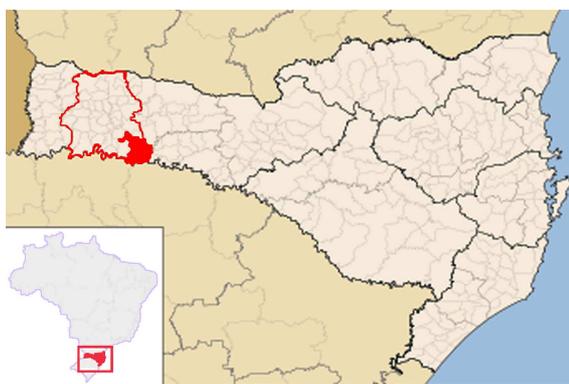


Fig. 1: Localização de Chapecó - Brasil, Santa Catarina, Microrregião AMOSC (Associação dos Municípios do Oeste Catarinense).

Fonte: www.wikipedia.org.pt Edição: Autor (2008)

No mapeamento do IPEA para o ano de 1995 é possível observar a condição industrial de Chapecó em comparação ao restante do estado, e principalmente, seu destaque em relação ao contexto abrangido desde o meio-oeste.

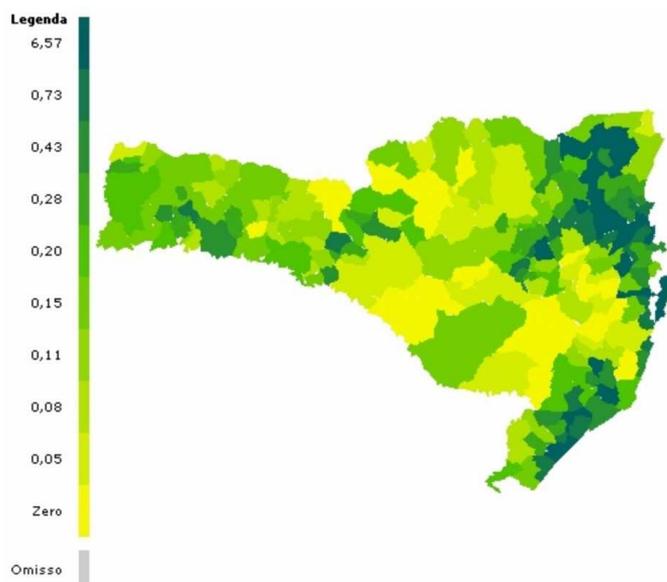


Fig. 2: Santa Catarina - Número total de estabelecimentos ou unidades locais – indústria 1995

Fonte: IPEADATA

O aumento no número de estabelecimentos e a dinamicidade da economia têm proporcionado elevação no número de empregos ofertados. Em 2007 o município de Chapecó esteve entre os cinco que mais geraram emprego no estado de Santa Catarina, como pode ser visualizado na Figura 03.

No que se refere aos empregos gerados por setor da economia no ano de 2007 o principal setor a oferecer foi o da construção civil com 27,05%, a indústria com 18,47%, a agropecuária com 13,19%, o comércio com 10,81% e os prestadores de serviços com 6,28% (Prefeitura Chapecó, 2008).

Vários elementos podem ser utilizados para explicar o desempenho do município, entre eles, o crescimento das indústrias, o aumento das exportações e a elevação do PIB. Chapecó está entre as cidades onde a indústria tem maior participação na formação no PIB, ocupando o quarto lugar no estado de Santa Catarina, como pode se observar na Figura 04, sobre a porcentagem do PIB industrial sobre a economia.

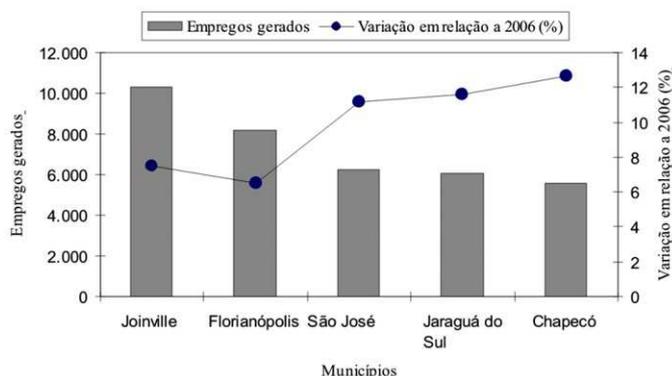


Fig. 3 : Cidades onde a indústria tem maior formação no PIB.
 Fonte: Portal de negócios de Turismo de SC, 2008

Organização: colaborador

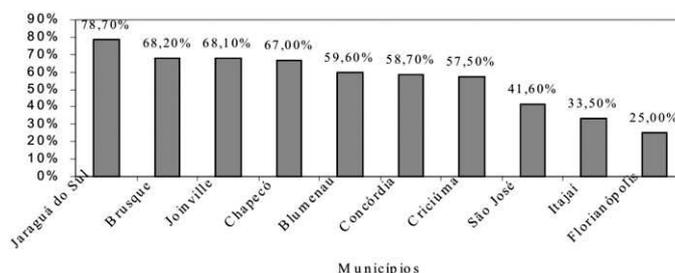


Fig. 4 : Municípios que mais geraram empregos - 2007
 Fonte: CUCOLO, 2008.

Organização: colaborador

Quanto ao Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) Chapecó também tem se destacado, ocupando o trigésimo nono lugar no Brasil e o décimo quarto no estado, o décimo nono na educação e o quinto em frequência escolar, com um índice de 0,848 superando muitas das cidades do Brasil (PNUD, 2008).

Como o processo econômico influencia as dinâmicas populacionais, apresentamos a seguir alguns dados. A região Oeste Catarinense possui, segundo Censo do IBGE de 2007, uma população equivalente a 1.200.230 habitantes, distribuídos em 117 municípios. Contudo, a atual evolução demográfica da região Oeste Catarinense tem apresentado o mais baixo crescimento de todas as regiões catarinenses. Na década de 1990 esteve em torno de 0,5% abaixo da taxa mínima de reposição populacional.

Chapecó, no entanto, apresenta aumento acima da média Estadual de 2% ao ano. Segundo Marco (2004, p.2), os municípios que mais crescem “vêm absorvendo parte do êxodo populacional dos municípios menores da região que via de regra estão sofrendo um processo sistemático de redução demográfico não só rural, mas também urbana”. A partir da Figura 05 é possível observar os índices de crescimento demográfico do município de Chapecó.

Quanto ao crescimento populacional do município de Chapecó, pode-se enfatizar que esse vem crescendo de acordo com sua dinâmica socioeconômica. Em 2007, a população absoluta contava com 164.803 habitantes; já para o ano de 2008 as estimativas do IBGE apontam para uma população de 171.789 habitantes.

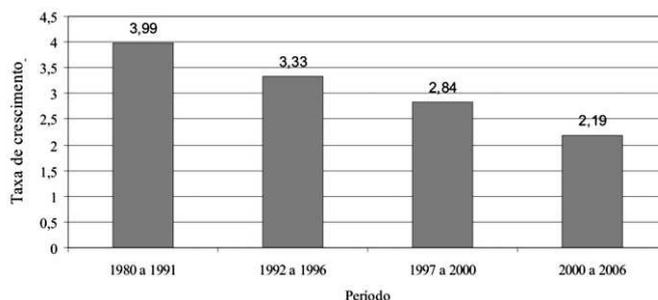


Fig. 5 : Índice de Crescimento Demográfico de Chapecó

Fonte: Prefeitura de Chapecó, 2008.

Também tem se verificado uma grande busca pelo espaço urbano de Chapecó. Os constantes fluxos migratórios em direção à sua área urbana têm aumentado o número de habitantes do município, como pode ser visualizado a partir da Tabela 01. O município apresentou um incremento importante na população urbana entre a década de 1970 – 1980. Nesse período são implementados o Ensino Superior, a Cooper Alfa, a Sadia, dentre outros fatores de dinamização urbana. Já o declínio populacional entre as décadas de 1950 a 1970 ocorreu principalmente pelos desmembramentos de municípios.

Tab. 01 – Distribuição da População do Município de Chapecó de 1940 – 2008.

Ano	Habitantes	Urbana	%	Rural	%
1940	44.327	4.128	9,31	40.199	90,69
1950	96.604	9.736	10,08	86.868	89,92
1960	52.089	16.668	32	35.421	68
1970	49.865	20.275	41	29.590	59
1980	83.768	55.269	66	28.499	34
1991	123.050	96.751	79	26.299	21
1996	131.014	113.988	87	17.026	13
1997	135.371	118.548	87,5	16.823	12,5
1998	139.878	123.060	88	16.818	12
1999	144.536	127.821	88,44	16.715	11,56
2000*	146.967	134.592	91,57	12.375	8,43
2001	151.152	138.833	91,85	12.319	8,15
2002	154.453	142.328	92,15	12.125	7,85
2003	157.927	145.688	92,25	12.239	7,75
2004	165.220	152.498	92,30	12.722	7,70
2005	169.800	157.470	92,74	12.400	7,30
2006	172.962	160.855	93	12.100	7,00
2007	164.803	153.443	93	11.549	7,00
2008□	171.789	159.764	93	12.025	7,00

Fonte: IBGE e Prefeitura Municipal de Chapecó, 2005.

* A diminuição da população rural constatada no censo de 2000, foi causada pelo aumento do perímetro urbano do município. □ Estimativas da população do IBGE para 2008.

Tendo apresentado um panorama geral sobre Chapecó e região, no próximo item iremos discutir o papel que Chapecó exerce como polo, bem como o dos micropolos em sua área de influência, com base no estudo do IBGE sobre a região de influência das cidades brasileiras.

POLO E MICROPOLOS NA REGIÃO DE ABRANGÊNCIA DO OESTE CATARINENSE

Um importante aspecto referente à conformação das redes de polos e micropolos reside nas relações de rede, hierarquia e região de influência que as cidades exercem umas sobre outras. Nesse sentido, a avaliação que vem sendo realizada pelo IBGE sobre a região de influência das cidades desde 1966 constitui uma importante base de referência para essa pesquisa.

Buscamos situar o papel de Chapecó como polo, bem como a identificação de micropolos na região oeste catarinense, com base no documento Região de Influência das Cidades (IBGE, 2008). Esse recém-publicado estudo sobre a rede urbana brasileira dá continuidade a outros três trabalhos anteriores realizados pelo IBGE, que também buscaram estabelecer a hierarquia urbana e a região de influência das cidades brasileiras.

Estes estudos foram realizados nos anos de 1966, 1978 e 1993 e publicados em diversos documentos, a partir de questionários que revelam a intensidade dos fluxos de consumidores em busca de bens e serviços. Apesar de não manterem exatamente a mesma categorização, esses diversos estudos mantêm uma coerência entre si que possibilita a comparação entre os dados e a avaliação da evolução da rede urbana no país.

Embora o foco do estudo busque estabelecer relações de hierarquia entre as cidades, os autores do documento reconhecem que há a coexistência de sistemas urbanos em redes tanto hierárquicas quanto não hierárquicas, dependendo da variável analisada.

Assim, as cidades não se estruturam somente a partir do padrão hierárquico de localidades centrais, mas também por ligações horizontais que denotam relações de interação, especialização, complementaridade e sobreposição, tal como abordado na referência teórica exposta anteriormente neste trabalho. Outro aspecto que influencia a dinâmica urbana é a constituição do sistema reticular que situa algumas cidades como nós nas redes globais (IBGE, 2008). No caso de Chapecó, sabemos que a própria constituição da base econômica agroindustrial que hoje predomina na região foi estruturada a partir de capitais locais e estatais, a fim de adequarem-se aos requisitos e às demandas não só nacionais, mas, sobretudo, internacionais associadas à dinâmica econômica globalizada.

Com relação à hierarquia dos centros urbanos, no referido estudo (IBGE, 2008), as cidades foram classificadas em cinco grandes níveis, que por sua vez subdividem-se em dois ou três subníveis, a saber:

- 1) Metrópole, que pode ser: i) Grande Metrópole Nacional, ii) Metrópole Nacional e iii) Metrópole;
- 2) Capital Regional em nível A, B e C;
- 3) Centro Sub-regional também em nível A, B e C;
- 4) Centro de Zona em categorias A e B; e
- 5) Centro Local.

O estudo considera como centros de alto nível as seguintes categorias: a Grande Metrópole Nacional (São Paulo), as Metr poles Nacionais (Rio de Janeiro e Brasília), as Metr poles (09 ao todo), as Capitais Regionais A (11 ao todo) e as Capitais Regionais B (20 ao todo).

As capitais regionais, que são 70 ao todo, se relacionam com o estrato superior da rede urbana e possuem capacidade de gestão imediatamente inferior ao das metrópoles e possuem área de influência de âmbito regional. Subdividem-se em três níveis: o primeiro (A) corresponde às capitais estaduais não metropolitanas, ao passo que as duas outras (B e C) distinguem-se por portes e padrão de localiza o regionalizada. A categoria B, onde Chapecó se insere, refere-se às localidades no Centro-Sul, com medianas de 435 mil habitantes e 487 relacionamentos, ao passo que a C abarca as demais regiões do país (IBGE, 2008).

Apesar da distribui o de níveis hierárquicos ser desigual no país, as porões centro-sul possuem uma rede urbana estruturada com significativo número de metrópoles, centros regionais e sub-regionais com considerável articula o (IBGE, 2008).

Juntamente com Cascavel, Londrina, Maringá, Blumenau e Joinville, Chapecó é considerada Capital Regional B, como já mencionado, e faz parte da rede urbana de Curitiba. Porém, junto com Passo Fundo e Santa Maria, Chapecó também faz parte da rede de influência de Porto Alegre. Chapecó encontra-se sob essas duas redes de influência, assim como a Capital Regional A de Florianópolis,   qual Chapecó se liga tanto na rede de Curitiba quanto na rede de Porto Alegre (IBGE, 2008).

Enfocando as cidades que Chapecó polariza e suas respectivas categoriza es, temos (IBGE, 2008):

- i) como Capital Regional C e Centro Sub-regional A não há nenhuma cidade hierarquizada;
- ii) como Centro Sub-regional B há Xanxerê, São Miguel do Oeste, Concórdia;
- iii) como Centro de Zona A temos Maravilha e Pinhalzinho.

Essas cidades constituem os micropolos da região oeste catarinense sob influência de Chapecó, como poderá ser constatado ao longo das análises.

A fim de abranger um escopo mais amplo de compara o, consideramos também as principais cidades localizadas a partir do meio-oeste do estado de Santa Catarina, de modo a realizar uma avalia o comparativa com Jo aba e Caçador,

as quais são categorizadas como Centros Sub-regionais B, além de Videira, a qual aparece como Centro de Zona A ligando-se a Caçador e a algumas outras cidades de menor influência (IBGE, 2008).

Em comparação com as pesquisas precedentes, os autores constataram que a rede urbana do país apresenta maior estabilidade no tocante aos níveis hierárquicos mais altos, ao passo que as mudanças mais frequentes ocorreram nos níveis de hierarquia intermediária e baixa, os quais foram influenciados pelos processos de ocupação territorial no interior do país (IBGE, 2008).

Ao observar o desempenho de Chapecó nos estudos de anos anteriores, temos o seguinte exposto. Em 1966, Chapecó figura como Centro Regional B (6ª categoria mais importante), assim como Joaçaba que também aparecia como centro de igual importância. Na região de abrangência do Oeste e Centro-Oeste Catarinense, São Miguel do Oeste, Concórdia e Videira foram classificadas como Centros Sub-Regionais B (8º categoria mais influente). É possível verificar a partir da representação das ligações com as cidades polarizadas por esses dois centros regionais que as cidades localizadas entre Chapecó até a fronteira do oeste estavam influenciadas por essa cidade, ao passo que as cidades localizadas no intervalo entre Chapecó e Joaçaba sofriam influência de Joaçaba (IBGE, 2008). Como observaremos, essa situação mudou entre as décadas de 1980 - 1990.

No estudo de 1978, Chapecó e Joaçaba figuram como Capitais Regionais (3ª categoria mais influente), com visível aumento de centros de zona (5ª categoria mais influente) ligados a Chapecó e Joaçaba (IBGE, 2008), correspondendo ao crescimento das cidades de pequeno porte e aos frutos dos esforços de interiorização do país.

Na hierarquia da rede urbana brasileira observada a partir da pesquisa de 1993, Chapecó aparece na categoria forte (3ª mais influente), ao passo que Joaçaba diminui seu poder de influência aparecendo como de forte para médio (4ª mais influente), igualando-se a São Miguel do Oeste. A partir de então, Chapecó passa a despontar na região oeste e meio-oeste, também pelo contraste gerado pelo enfraquecimento de outras cidades.

De modo abrangente, a metodologia empregada no estudo discriminou dois grandes grupos de análise que orientaram a busca e avaliação dos dados sobre as cidades, a saber: i) gestão do território, avaliada pelo conjunto da gestão federal e gestão empresarial; e ii) equipamentos e serviços.

A gestão do território foi considerada um dos mais importantes itens da pesquisa. Sob o aspecto da gestão federal foi observada a localização dos órgãos públicos federais, de modo a denotar a facilidade de acesso por parte da população a esse tipo de serviço. A gestão empresarial, por outro lado, buscou mostrar a relação hierárquica de subordinação pelo comando das empresas, segundo a distribuição de sedes e unidades descentralizadas, a fim de reconhecer centros polarizadores que atraem a instalação de filiais de empresas sediadas em outros centros (IBGE, 2008).

No tocante aos equipamentos e serviços foram analisadas diversas categorias, a fim de qualificar melhor os centros estudados, bem como detectar

centros especializados não selecionados por critérios mais gerais, além de determinar a intensidade das ligações entre as cidades (IBGE, 2008).

As categorias consideradas foram: i) comércio e serviços segundo níveis de diversidade; ii) instituições financeiras e oferta de serviços bancários, segundo abrangência e volume de saldos bancários; iii) ensino superior na graduação, segundo diversidade na oferta de cursos e alunos matriculados, e pós-graduação de acordo com oferta de cursos e nível de excelência; iv) serviços de saúde, segundo diversidade de especializações, nível de complexidade e volume de atendimentos; v) oferta de informações e serviços pela Internet, segundo os domínios de *sites*, a fim de detectar centralidade quanto à provisão de cadeias de serviços especializados na área; vi) rede de televisão aberta e a hierarquia de sistemas de telecomunicação, também para detectar níveis de centralidade com relação à estruturação de cadeias de serviços e à existência de tecnologias especializadas na área; vii) conexões aéreas com base em avaliação de origem e destino, totalidade de vôos, conexões, passageiros e cargas; viii) ligações entre localidades por transporte coletivo, segundo frequência, número de saídas e tempo médio de deslocamento; ix) deslocamentos por motivo de compras, lazer, saúde, cursos de graduação superiores e aeroportos; x) edição de jornais; xi) origem de insumos, e xi) destino de produtos agropecuários.

A fim de realizar uma análise pormenorizada acerca do papel de Chapecó e de outros micropolos no oeste catarinense, foi confeccionada uma tabela síntese que expõe as diversas categorias de análise consideradas, a classificação em que Chapecó aparece nelas, o nível de influência segundo sua posição face ao número total de categorias, bem como a discriminação dos níveis inferiores e das cidades que se enquadram neles, considerando-se a região de abrangência desde o meio oeste catarinense. Como dito anteriormente, as cidades do centro-oeste catarinense foram também observadas a fim de ampliar o escopo de comparação.

Tab. 02 – Caracterização de Chapecó e cidades de menor influência no oeste e meio oeste catarinense segundo critérios de análise

Categoria de Análise	Classe	Nível de influência	Outras categorias e cidades na região oeste e meio oeste de Santa Catarina (Níveis inferiores)
Gestão Federal	5	6º de 9	5 – Joaçaba, Videira, Caçador. 6 – São Miguel do Oeste, Xanxerê e Concórdia.
Gestão Empresarial	4	5º de 9	5 – Concórdia, Joaçaba, Videira, Caçador. 6 – Xanxerê. 7 – São Miguel do Oeste, Maravilha e uma localidade sem legibilidade*.
Atividades de Comércio	1	1º de 5	3 - Xanxerê, Concórdia, Joaçaba, Videira, Caçador. 4 - São Miguel do Oeste, Maravilha, Pinhalzinho e uma localidade sem legibilidade*.
Atividades de Serviço	4	4º de 5	4 - Xanxerê, Concórdia, Joaçaba, Caçador. 5 - São Miguel do Oeste, uma localidade sem

			legibilidade*, Maravilha, Pinhalzinho, Videira, Fraiburgo.
Atividades de Serviço e Comércio	3	3º de 5	4 - São Miguel do Oeste, Xanxerê, Concórdia, Joaçaba, Caçador. 5 - Maravilha, Pinhalzinho, Fraiburgo e uma localidade sem legibilidade*.
Atividades Financeiras	6	6º de 8	7 - São Miguel do Oeste, São José do Cedro, Maravilha, Xaxim, Xanxerê, Concórdia, Joaçaba, Videira, Caçador, Capinzal, Fraiburgo e Campos Novos.
Ensino de Graduação	5	5º de 6	5 - São Miguel do Oeste, Xanxerê, Concórdia, Joaçaba, Videira, Caçador. 6 - Maravilha, Pinhalzinho, Xaxim, Itá, Capinzal, Luzerna, Fraiburgo, Campos Novos, Monte Carlo, Abelardo Luz, São Domingos e uma localidade sem legibilidade*.
Ensino de Pós-Graduação	6	6º de 6	Nenhum.
Serviços de Saúde	4	4º de 6	5 - Xanxerê, Concórdia. 6 - São Miguel do Oeste, Maravilha, Xaxim, Itá, Videira, Caçador, Joaçaba, Fraiburgo, Capinzal, Campos Novos e uma localidade sem legibilidade*.
Densidade de Domínios de Internet	3	3º de 5	Sem legibilidade.
Redes de Televisão	3	3º de 5	4 - Joaçaba.
Conexões Aéreas	5	5º de 6	6 - Caçador.
Centros de Gestão do Território	3	3º de 6	4 - Concórdia, Videira, Caçador, Joaçaba. 5 - São Miguel do Oeste, Xanxerê, Fraiburgo, Campos Novos. 6 - Maravilha e uma localidade sem legibilidade*.
Destino dos Transportes Coletivos	3	3º de 6	4 - São Miguel do Oeste, Concórdia, Joaçaba. 5 - São José do Cedro, Maravilha, Pinhalzinho, Cunha Porã, Xanxerê, Itá, Videira, Caçador e uma localidade sem legibilidade*.
Deslocamento para Compras	3	3º de 6	4 - São Miguel do Oeste, Xanxerê, Concórdia, Joaçaba, Videira. 5 - Maravilha, Pinhalzinho, Capinzal, Campos Novos, Caçador e uma localidade sem legibilidade*. 6 - Sem legibilidade, totalizam 35 no Oeste e Centro-Oeste Catarinense.
Deslocamento para Cursos Superiores	3	3º de 6	4 - São Miguel do Oeste, Pinhalzinho, Xaxim, Xanxerê, Concórdia, Joaçaba, Videira. 5 - Maravilha, Capinzal, Campos Novos, Caçador. 6 - Sem legibilidade, totalizam 10 no Oeste e

			Centro-Oeste Catarinense.
Deslocamento para Lazer	3	3º de 6	4 - São Miguel do Oeste, Concórdia, Joaçaba. 5 - Pinhalzinho, Maravilha, Xanxerê, Videira. 6 - Sem legibilidade, totalizam 40 no Oeste e Centro-Oeste Catarinense.
Deslocamento para Saúde	3	3º de 6	4 - Joaçaba. 5 - São Miguel do Oeste, Pinhalzinho, Maravilha, Xanxerê, Concórdia, Joaçaba, Videira, Caçador, Fraiburgo, Campos Novos e uma localidade sem legibilidade*. 6 - Sem legibilidade, totalizam 26 no Oeste e Centro-Oeste Catarinense.
Origem dos jornais vendidos	3	3º de 6	4 - Pinhalzinho, Concórdia, Joaçaba. 5 - Maravilha, Xanxerê, Videira, Fraiburgo, Capinzal e uma localidade sem legibilidade*. 6 - Sem legibilidade, totalizam 15 no Oeste e Centro-Oeste Catarinense.
Deslocamento para Aeroportos	3	3º de 6	5 - Joaçaba. 6 - São Miguel do Oeste, Concórdia.
Destino da Produção Agropecuária	4	4º de 6	4 - São Miguel do Oeste, Palmitos, Concórdia, Joaçaba, Videira, Caçador. 5 - São José do Cedro, Campo Erê, Pinhalzinho, Maravilha, Palmitos, Mondai, Águas de Chapecó, Nova Erechim, Cordilheira Alta, Xaxim, Xanxerê, Seara, Fraiburgo, Campos Novos, Caçador e mais 02 centros não identificados. 6 - Sem legibilidade, totalizam 45 no Oeste e Centro-Oeste Catarinense.
Origem dos Insumos da Produção Agropecuária	4	4º de 6	4 - Palmitos, Joaçaba, Campos Novos 5 - São Miguel do Oeste, Guaraciaba, Campo Erê, Pinhalzinho, Maravilha, Cordilheira Alta, Xaxim, Seara, Concórdia, Videira, Caçador, Fraiburgo, mais dois centros não identificados. 6 - Sem legibilidade, totalizam 35 no Oeste e Centro-Oeste Catarinense.

Fonte de Dados: IBGE, 2008.

Elaboração: Autor

Obs: * A localidade não identificada pode se referir a uma das seguintes cidades: Palmitos, Caibi, Riqueza e Mondai. Devido à proximidade das mesmas, em muitos casos não foi possível identificar, pela posição nos mapas, à qual delas se fazia referência. Na matriz das regiões de influência de Chapecó, todas essas cidades estão categorizadas como centros locais (9ª e última categoria mais influente) diretamente influenciadas por Chapecó.

Com base na síntese exposta acima, é possível verificar que dentre as cidades localizadas no oeste e meio oeste do estado de Santa Catarina até a fronteira do estado com a Argentina, Chapecó sempre figura como a mais influente de todas as cidades e na, maioria das vezes, é a única em sua categoria. Considerando os níveis imediatamente inferiores a Chapecó, pode-se constatar a

importância de cidades como Concórdia e Xanxerê na porção a leste de Chapecó e São Miguel do Oeste, Maravilha e Pinhalzinho a oeste, devido à recorrente menção das mesmas. Essa constatação faz-se coerente com a categorização dessas mesmas cidades em níveis inferiores de influência, tal como mencionado anteriormente. Consideramos essas cidades, portanto, como os micropolos existentes mais influentes na região de abrangência do oeste catarinense, os quais se encontram relacionados a Chapecó em sua rede de influência.

Pode-se verificar que o nível de centralidade que Chapecó exerce na região oeste do estado ocorre primordialmente na categoria de equipamentos e serviços, devido às atividades de comércio, seguido do setor de serviços em áreas como comunicação e saúde, bem como pelo fato de ser alvo de destino e de deslocamentos para a realização de diversas atividades. Essa forte característica parece remontar à determinante atuação do empresariado local no desenvolvimento da região, como mencionado anteriormente.

No setor do comércio, avaliado pelo critério de diversidade, Chapecó figura como uma cidade de influência de primeira grandeza dentro do território nacional – tal qual São Paulo - e, curiosamente, a única no estado de Santa Catarina. Joinville, Blumenau, Itajaí, Camboriu, Florianópolis e Criciúma aparecem como categorias imediatamente inferiores.

Nos últimos anos, grandes redes de lojas têm procurado se instalar no município como a Havan, Magazine Luiza, Casas Bahia, Ponto Frio e Marisa, trazendo repercussões para a reorganização urbana em Chapecó e na região (Henn, Alba, 2008).

Porém, o mesmo não ocorre quando se avalia somente a atividade de serviço, de modo que a cidade ocupa o quarto lugar de influência. No estado de Santa Catarina, somente Joinville ocupa uma categorização acima de Chapecó e, além dessa, somente Florianópolis aparece como cidade de segunda grandeza. Uma situação intermediária é observada quando se avaliam atividades de serviço e comércio juntas, de forma que Chapecó ocupa a terceira posição, sendo a única cidade na região de abrangência do Oeste e Centro-oeste Catarinense.

Nas atividades de serviço ligadas à área de saúde, Chapecó está como quarta mais influente e a melhor colocada no oeste catarinense. Os micropolos por nós definidos aparecem como categorias imediatamente menos influentes. No caso dos serviços de saúde oferecidos em Chapecó, observa-se que tanto no setor privado quanto no público, a cidade é procurada por oferecer uma gama variada de especialidades, como pode ser observado na Tabela 03 que indica as especialidades médicas e o número de profissionais existentes.

Tab. 03 – Especialidades Médicas e número de profissionais.

Especialidade	Nº	Especialidade	Nº
Alergia e Imunologia	2	Medicina do Trabalho	18
Anestesiologia	9	Medicina do Tráfego	01
Angiologia	01	Medicina Estética	02
Cardiologia	05	Medicina Preventiva	01
Cirurgia Oncológica	01	Nefrologia	03
Cirurgia Geral	10	Neurocirurgia	03
Cirurgia Pediátrica	03	Neurologia	04
Cirurgia Plástica	04	Neuropediatria	01
Cirurgia Torácica	01	Oftalmologia	07
Cirurgia Vascular	03	Oncologia	02
Clínica Geral	14	Ortopedia Infantil	01
Clínica Médica	08	Ortopedia/Traumatologia	07
Coloproctologia	02	Otorrinolaringologia	05
Dermatologia	04	Patologia	02
Endocrinologia	03	Pediatria	24
Gastroenterologia	05	Pneumologia	03
Ginecologia/Obstetrícia	19	Psiquiatria	06
Hematologia	02	Radiologia	05
Homeopatia	01	Reumatologia	01
Infectologia	02	Urologia	08

TOTAL = 203

Fonte: Associação Médica Regional Oeste Catarinense 02/2003 - Banco de Dados Prefeitura Chapecó, 2008.

No campo da comunicação, Chapecó aparece como terceira categoria mais influente em avaliações como: Densidade de Domínios de Internet, Redes de Televisão e Origem dos jornais vendidos. Com relação à Densidade de Domínios de Internet, Chapecó ocupa a mesma posição que diversos outros micropolos. Nesse caso, Joaçaba aparece em uma categoria superior. Na avaliação das redes de televisão e origem dos jornais vendidos, Chapecó é a única nessa classificação no oeste do estado.

Referente à avaliação de fluxos - segundo categorias de Destino dos Transportes Coletivos, Deslocamento para Compras, Cursos Superiores, Lazer, Saúde e Aeroportos - Chapecó aparece como terceira categoria mais influente em todas elas, sendo a única desse escalão em todo o oeste catarinense.

Nos quesitos de Destino da Produção Agropecuária e Origem dos Insumos da Produção Agropecuária, Chapecó aparece como quarta categoria mais influente de seis ao todo. Compartilhando a mesma categoria, podemos observar diversas cidades consideradas por nós como micropolos, além de inúmeras outras cidades no oeste catarinense. Apesar de não aparecer em uma colocação muito expressiva faz-se importante notar que o oeste catarinense, no seu conjunto, apresenta uma composição densa de cidades elencadas nessas categorias, comparável às grandes regiões agropecuárias do país tal como o estado de São Paulo, o noroeste do Paraná e a faixa que se estende do noroeste do Rio Grande do Sul até Porto Alegre.

Como quinta categoria mais influente, Chapecó aparece em avaliações como Gestão Empresarial, Ensino de Graduação, Conexões Aéreas. Ocupando a sexta grandeza, a cidade comparece nas análises de Gestão Federal, Atividades Financeiras, Ensino de Pós-Graduação, sendo essas as piores classificações em que Chapecó aparece.

Acreditamos que a avaliação sobre o nível de centralidade de gestão federal, apesar de parecer pouco favorável, reflete uma condição razoável se observarmos a distribuição destes centros através dos estados sulinos que, por sua vez, estão em uma condição superior à média em comparação ao restante do país. A gestão empresarial segue essa mesma linha de raciocínio, estando Chapecó somente atrás de metrópoles e capitais regionais de maior expressividade.

Na listagem de intensidade de relação empresarial de Chapecó (IBGE, 2008) com outras localidades pode-se notar a presença tanto de metrópoles e capitais regionais como diversas outras cidades pertencentes a categorias mais baixas de influência, inclusive aquelas por nós consideradas como micropolos. Todas elas, com exceção de São Paulo e Brasília, pertencem à região sul. São elas, em ordem decrescente de intensidade: São Paulo, Xanxerê, Florianópolis, Concórdia, Xaxim, Curitiba, Joaçaba, Blumenau, São Miguel do Oeste, Porto Alegre, Joinville, Lages, Passo Fundo, Erechim, Pato Branco, Brasília, Guatambu, Coronel Freitas, Quilombo e Pinhalzinho.

Com relação à gestão territorial, avaliada pelo conjunto da gestão empresarial e federal, Chapecó não ficou em uma posição tão inferior quanto as comentadas anteriormente, pois os resultados nos quesitos de equipamentos e serviços elevaram a consideração de sua influência, ocupando assim uma categoria intermediária de terceira mais influente dentre seis no todo, sendo a cidade melhor posicionada em todo o oeste catarinense.

Apesar do destaque que Chapecó vem obtendo devido à produção agroindustrial, a cidade não apresenta grande expressividade no tocante ao setor financeiro, porém reflete um cenário comum a todo o interior do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do sul do Paraná. No estado de Santa Catarina as únicas cidades avaliadas como pertencentes a uma categoria acima da de Chapecó são Florianópolis, Joinville e Blumenau. Acima dessas últimas, dentre os estados sulinos, estão elencadas somente Porto Alegre e Curitiba.

Ao que nos parece essa situação reflete a atração que Curitiba e Porto Alegre exercem na região sul, reforçando a categorização de Florianópolis como Capital Regional A e não como Metrópole, assim como as duas outras capitais, as quais apresentam estruturas econômicas mais dinâmicas e diversificadas, altas densidades demográficas, maiores níveis de renda, bem como estruturas produtivas que demandam intermediação financeira, existência de mão-de-obra e de redes de serviços e infraestrutura especializadas, denotando maior capacidade de comando econômico, financeiro e político.

Pensamos que os contínuos processos de adequação produtiva da agroindústria pautados pela desconcentração de unidades de produção e suas cadeias correlatas e pela migração dos centros empresariais para cidades com

maior poder de comando econômico, financeiro e político, além de conexão e inserção global, refletem o quadro apontado pelo estudo.

Com relação à área de ensino, avaliada para o ano de 2004, no caso da graduação, Chapecó teve a mesma classificação que diversas outras cidades por nós consideradas micropolos. É perceptível a distribuição dessas cidades ao longo das rodovias que conectam a região oeste ao litoral, até Florianópolis. No caso da pós-graduação, apesar de ocupar a última colocação dentre os níveis elencados, Chapecó é a única cidade a ser ranqueada em todo o oeste catarinense, sendo uma das oito cidades classificadas em todo o estado. É possível que futuramente esse cenário venha a se modificar devido ao crescente aumento da concorrência nesse setor, acirrado em anos recentes, bem como à implementação de políticas federais de reestruturação e expansão universitárias.

Referente às conexões aéreas, apesar de ocupar a quinta posição mais influente de seis ao todo, Chapecó é a única no oeste do estado. A avaliação por número de ligações aéreas, em 2004, aponta que a rota para Curitiba constituiu a ligação aérea mais intensa. Avaliamos que, futuramente, a ligação com Florianópolis apareça mais forte devido à realização dessa rota nos últimos anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na região de abrangência do oeste catarinense, a cidade de Chapecó figura como centro de maior influência e se articula com os seguintes micropolos: São Miguel do Oeste, Concórdia, Maravilha, Pinhalzinho e Xanxerê, sendo que os dois primeiros micropolos possuem um caráter maior de centralidade em comparação aos três últimos.

É possível associar que a rede urbana no oeste catarinense resulta principalmente dos processos da reestruturação produtiva da agropecuária, dos investimentos de capitais locais e estatais para o crescimento da agroindústria, bem como da inserção destas atividades produtivas nas dinâmicas econômicas internacionais, incorporando padrões de produção e consumo globalizados.

Em consequência disso, os movimentos populacionais regionais caracterizaram-se pelo êxodo rural e pelo crescimento de Chapecó e das outras cidades, mesmo que em menor intensidade. Um aspecto bastante importante desse fenômeno diz respeito ao crescimento, à diversificação e à complexificação do setor terciário nessa rede urbana, como visto nas análises que apontaram para o considerável grau de centralidade nas atividades de comércio e categorias referentes aos equipamentos e serviços. A constituição desse terciário deve-se, possivelmente, tanto às demandas de uma população com relativo poder aquisitivo a qual se encontra distante de centros urbanos maiores, quanto às redes de comércio e serviço especializadas associada à atividade agroindustrial.

No conjunto, todas estas transformações têm alterado de modo significativo as dinâmicas urbanas e as relações do e no território. Como argumenta Elias (2007), quanto mais intensas e internacionalizadas são essas atividades, maiores e

mais complexas se tornam as relações entre espaços agrícolas e urbanos, a reorganização urbano-regional e a interiorização da urbanização. As tradicionais noções sobre a dicotomia *campo x cidade* acabam sendo ultrapassadas, em parte, reorganizando-se em uma unidade dialética, pois o território passa a emitir e receber larga quantidade de fluxos de matéria e de informação.

Como dito inicialmente, as interpretações, reflexões e debates acerca desses movimentos do território tornam-se de fundamental importância para os processos de planejamento urbano e regional e da gestão do território.

Nesse sentido, gostaríamos de apontar algumas considerações referentes aos aspectos menos influentes que caracterizaram Chapecó e a rede de micropolos no Oeste Catarinense. Mesmo que a consideração dessas avaliações possam ser relativizadas e contextualizadas, a gestão territorial, avaliada pela gestão federal e empresarial, aponta para um nível pouco efetivo de centralidade. Em associação ao também baixo desempenho nos quesitos financeiro e de educação (graduação e pós-graduação), nos parece haver a tendência de evasão dos comandos de gestão, sobretudo, privados para outros centros que ofereçam condições mais efetivas de centralidade econômica, financeira e política. Se isso se confirmar, no médio e longo prazo, essa situação poderá influir negativamente nos poderes de transformação qualitativa da rede urbana no oeste catarinense.

Por outro lado, é necessário que estejamos atentos às implicações indesejadas da verticalização desequilibrada nas relações entre a escala local e global, as quais podem promover o acirramento de desigualdades socioespaciais e a fragmentação do território.

Por fim, há que reconhecermos algumas limitações existentes tanto dos estudos realizados pelo IBGE quanto da nossa própria análise. Com relação aos primeiros, não há uma avaliação que considere regiões fronteiriças e cidades de outros países, como seria interessante verificar para o caso de São Miguel do Oeste e mesmo de Chapecó. O conhecimento sobre as redes não-hierárquicas e os movimentos que tornam as cidades mais independentes, porque conectadas a fluxos transescalares - especialmente os provenientes de esferas globais - ainda configuram um desafio que apenas começa a ser refletido. Talvez, o estudo sobre as cidades médias, como mencionado anteriormente, possa ser um caminho interessante especialmente para a investigação acerca da rede urbana no oeste catarinense.

Pole and micropolos regional network in Santa Catarina's

west region

ABSTRACT

This article discusses the role that Chapecó plays in Santa Catarina's west region in urban networks and also intends to determine the micropoles associated to this city, in order to subsidize debates about territorial planning and management. First, the article presents a theoretical discussion on the following concepts: region, poles, medium size cities and urban networks. After that, there is a characterization of Chapecó along with Santa Catarina's west region territorial conformation process. Then, the article presents an analysis of Santa Catarina's west region urban net, based on the IBGE studies on the influence regions of cities. This article concludes that Chapecó has an important regional influence because of its tertiary sector especially on that commercial activities. On the other hand, Chapecó has to strengthen its territorial management features. Also, it is articulated to other ones such as São Miguel do Oeste, Concórdia, Xanxerê, Pinhalzinho e Maravilha, all of them considered as micropoles.

Keywords: urban networks, poles and micropoles, Chapecó.

REFERÊNCIAS

- ALBA, Rosa Salete. Espaço Urbano: os agentes da produção em Chapecó. Chapecó: Argos, 2002. 184 p.
- ATLAS do Mercado Brasileiro da Gazeta Mercantil. São Paulo: Gazeta Mercantil, 2006.
- BATISTA JUNIOR, Paulo Nogueira. Da crise internacional à moratória brasileira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- BAVARESCO, Paulo Ricardo. Ciclos Econômicos Regionais: Modernização e Empobrecimento no Extremo Oeste Catarinense. Chapecó: Argos, 2005. 219p.
- CORRÊA, Roberto L. Construindo o conceito de cidade média. SPÓSITO, M. E. B. (org.). Cidades médias: espaços em transição. São Paulo : Expressão popular, 2007. p .23-33.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Trajetórias geográficas. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1997.
- CUCOLO, Eduardo; NERY, André Luís. Mapa do emprego mostra crescimento em todas as regiões brasileiras. Disponível em: http://g1.globo.com/Noticias/Economia_Negocios/0,MUL266086-9356,00.html. Acesso em: 6/8/2008.
- ELIAS, Denise. Fronteiras em mutação no Brasil agrícola. In: FELDMAN, Sarah; FERNANDES, Ana. (orgs.). O Urbano e o Regional no Brasil Contemporâneo: mutações, tensões e desafios. Salvador: EDUFBA, 2007. pg. 135-151.

- ESPÍNDOLA, Carlos José. As Agroindústrias no Brasil: o caso Sadia. Chapecó: Grifos, 1999. 263p.
- GOMES, Paulo César da Costa. O Conceito de Região e sua discussão. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- HENN, Cristiane Gretzler; ALBA, Rosa Salete A entrada das grandes redes de lojas em Chapecó e as repercussões na reorganização urbana a partir do ano de 2000. In: III Encontro Sul Brasileiro de Geografia - XIII Encontro de Geografia da Unioeste - VII Encontro de Geografia do Sudoeste do Paraná. Anais... Francisco Beltrão PR, 2008.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Regiões de Influência das Cidades 2007. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 06 mai. 2009.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE Cidades. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 20/03/2009.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Exportações de Chapecó. Disponível em: <http://www.ipeadata.gov.br>. Acesso em: 10/03/2008.
- LACOSTE, Yves. A geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. 4. ed. Campinas: Papirus, 1997. 263 p.
- MARCO, Bem Hur de. O Oeste Catarinense: Comentários sobre alguns indicadores socioeconômicos. Editora Argos, Chapecó, 2004.
- MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. Camponeses, Cultura e Inovações. In: LEMOS, Amália Inês Geraiges de; ARROYO, Mónica; SILVEIRA, Maria Laura (Orgs). América Latina: Cidade, Campo E Turismo. 1ª ed. - Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO; São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006 p. 281-293.
- MOURA, Rosa; WERNECK, Débora Zlotnik. Rede, Hierarquia e Região de Influência das cidades: um foco sobre a Região Sul. Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba, n.100, p.25-55, jan./jun. 2001.
- PIRES, Elson L. S. Mutações econômicas e dinâmicas territoriais locais: delineamento preliminar dos aspectos conceituais e morfológicos. In: SPÓSITO, E. S. et al. (org.). Cidades médias: produção do espaço urbano e regional. São Paulo : Expressão Popular, 2006. p. 47-70.
- PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO – PNUD. Índice de desenvolvimento humano municipal. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/IDH>. Acesso em: 7/10/2008
- PORTAL DE NEGÓCIOS DE TURISMO DE SC. Disponível em: <http://www.belasantacatarina.com.br/> Acessado em: 18/05/2008.
- PREFEITURA CHAPECÓ. Banco de dados (prefeitura Chapecó) Disponível em: <http://www.chapeco.sc.gov.br/prefeitura/conteudo/?n=cidadao>. Acessado em: 18/05/2008.

SANT'ANNA, Marina Del Negro Coque. Elaboração de um modelo de estrutura espacial para o sistema administrativo do novo estado do Rio de Janeiro. In: DUARTE, Aluizio Capdeville. Regionalização: considerações metodológicas. Boletim de Geografia Teórica, Rio Claro, v.10, n 20, p. 5 - 32, 1980.

SANTOS, Milton. Espaço e método. 3. ed. São Paulo: Nobel, 1992. 88 p.

SASSEN, Saskia. As cidades na economia mundial. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

SILVA, Antenor Roberto Pedroso da. Polo regional ou *cluster*: o caso do município de Rio Verde, Goiás – Brasil. Caminhos de Geografia 3(13), p. 41-55, Out/2004.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. O Desafio metodológico da abordagem interesalar no estudo de cidades médias no mundo contemporâneo. Cidades, vol. 3, no. 5. jan-jun 2006. p.143.157.

TESTA, Vilson Marcos et. Al. O Desenvolvimento Sustentável do Oeste Catarinense: (Proposta para Discussão). Florianópolis: Epagri, 1996. 247p.